

O PAPEL DA ESPIRITUALIDADE NO ENFRENTAMENTO DO LUTO EM CRIANÇAS ¹

Yasmin Santos Motta Luna ²

Pedrita Reis Vargas ³

RESUMO:

Vivemos, ainda, um tempo em que falar sobre a morte é um tabu. Poucos abordam esse assunto e, quando envolve crianças, é dado como um assunto delicado, muitas das vezes escondido ou velado. Porém, a morte está presente no nosso cotidiano, manifestando-se de uma forma mais próxima através de perdas de amigos e familiares e também nos diversos meios culturais e artísticos. Os adultos tendem a buscar uma resposta e um acolhimento muito das vezes na espiritualidade pois ela ajuda no enfrentamento do luto, do mesmo modo que usam a espiritualidade e religião para contar a criança sobre a morte de algum ente querido ou confortá-la diante daquele momento difícil. Neste estudo buscou-se compreender o papel da espiritualidade diante do luto infantil. Para isto, foi realizada uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica narrativa exploratória. O objetivo da pesquisa foi investigar as contribuições da espiritualidade para o luto em crianças, além de conceitualizar a morte, o luto e suas fases. Pôde-se identificar pesquisas e livros ressaltando a espiritualidade e sua busca por conexão com o transcendente, sendo transmitida desde a infância através da família e cultura. O estudo ainda aponta que a espiritualidade e a religião quando introduzidas desde cedo, auxiliam a criança a formar consciência e significados atribuídos ao mundo, além de ajudar tanto adultos quanto crianças a lidarem com o luto e suas perdas.

Palavras-chave: Morte. Espiritualidade. Luto infantil.

THE ROLE OF SPIRITUALITY IN COPING WITH GRIEF IN CHILDREN

ABSTRACT:

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e Espiritualidade. Recebido em 21/10/2024 e aprovado, após reformulações, em 11/11/2024

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: yasminluna1102@yahoo.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: pedritapaulino@uniacademia.edu.br

We still live in a time when talking about death is a taboo. Few address this subject, and when it involves children, it is often considered a delicate issue, frequently hidden or veiled. However, death is present in our daily lives, manifesting itself more closely through the loss of friends and family, as well as in various cultural and artistic mediums. Nevertheless, adults tend to seek answers and comfort often in spirituality, as it helps in coping with grief, just as they use spirituality and religion to explain death to a child or to comfort them in difficult moments. Moreover, this study delves into the role of spirituality in relation to childhood grief. To achieve this, a qualitative narrative literature review was conducted. The aim of the research focused on investigating the contributions that spirituality can provide in the face of grief in children, as well as conceptualizing death, grief, and its stages. Research and literature highlighting spirituality and its search for connection with the transcendent were identified, being transmitted since childhood through family and culture. The study also points out that spirituality and religion, when introduced from an early age, help children form awareness and meanings attributed to the world, as well as assist both adults and children in dealing with grief and losses.

Keywords: Death. Spirituality. Childhood grief.

1 INTRODUÇÃO

Ainda hoje a morte é vista como um tabu e retratada por um sentimento doloroso tanto para os adultos quanto para as crianças. Algumas pessoas acabam encontrando significado, apoio e até mesmo um recomeço através da espiritualidade e no que ela pode oferecer num momento tão difícil e delicado como a perda de um ente querido. Acaba que muitos adultos usam a espiritualidade como suporte para conversar com as crianças sobre algo delicado, por exemplo, a morte. Da mesma forma que um adulto sofre e passa pelo luto, a criança também sente e vivencia o luto, e uma das possibilidades de lidar com o luto e encontrar um novo sentido de vida, é a partir da espiritualidade. Segundo Culliford (2015), o processo de desenvolvimento espiritual começa na infância e ao longo do seu desenvolvimento, ela aprende

recursos para lidar, tanto com questões do dia a dia, quanto com desafios. A espiritualidade está ligada à comunicação, valores e código de conduta, e de acordo com David Hay (2006 *apud* Culliford; 2015, p.241) a educação espiritual "é fundamental para o bem-estar pessoal e a política da comunidade".

Espiritualidade é uma palavra que abrange vários aspectos e significados, e pode se vincular com o termo luto, onde pessoas tendem a buscar uma religião ou acolhimento, algo que possam se apegar quando estão passando por algum sofrimento em suas vidas. Da mesma forma como o adulto, as crianças também podem buscar por algo para se sentirem acolhidas nesses momentos difíceis, elas podem se enlutar tanto quanto o adulto. Considerando o quanto o processo do luto pode ser difícil e doloroso, o aumento da intensidade e persistência dos sintomas, acaba representando um fator de risco para a saúde física e mental da criança (Parkes, 1998). De acordo com Hoshino (2008), diante da perda vivencia-se mudanças drásticas no ambiente, podendo tornar-se um processo totalmente estressante, principalmente quando se trata de uma pessoa próxima. Nesses casos, é importante que o adulto ou responsável pela criança preze pelo ambiente de conforto e não tire ela do local que ela se sente segura, ou seja, sem mudanças desnecessárias, pois como mencionado pelo autor acima, são situações que deixam a criança mais desconfortável ainda, gerando um incômodo e estresse.

No livro **A psicologia da espiritualidade: o estudo do equilíbrio entre mente e espírito** de Larry Culliford, no capítulo sete, a autora menciona Hyde (2015) que discorre sobre os aspectos da espiritualidade das crianças e em como isso pode ajudá-las a enfrentarem questões de perdas. A religião é um dos espaços que pode acolher essa demanda, sendo relevante pesquisas sobre o papel da espiritualidade no enfrentamento do luto em crianças. Visto que pode ser uma perspectiva interessante para pessoas que se identificam com esse assunto e para ajudar também a entenderem a espiritualidade diante do luto e o quanto ela pode auxiliar adultos e cuidadores em certos momentos com crianças, principalmente na comunicação diante da perda de uma figura de afeto.

2 PERSPECTIVA SOBRE A MORTE

Estamos em uma sociedade onde temas como a morte são dados como assuntos delicados, pouco abordados e até mesmo considerado um tabu, principalmente quando se envolve criança. Torres (2012), citado por Sengik e Ramos (2013) enfatiza que apesar das pesquisas e estudos terem aumentado nos últimos anos, ainda é um assunto pouco abordado dentro da psicologia e quando se trata de crianças diante da morte paterna ou materna, o número de pesquisas e estudos diminui mais ainda.

Nessa perspectiva, Ariés (1990), em seus estudos sobre a morte, refere que, por algum tempo, a morte foi considerada como natural ao ser humano, tranquila e resignada. A vivência de morte ocorria no âmbito familiar, os rituais se davam numa cerimônia pública, em que todos participavam e eram autorizados a expressar os sentimentos pela perda. Segundo Araújo e Vieira (2001 *apud* Basso, Wainer; 2011) na Idade Média, as mortes eram vividas com mais tranquilidade, eram mais familiares, por isso eram consideradas como um fato natural, os moribundos pressentiram suas partidas e também faziam seus próprios rituais de despedidas.

No livro de José Carlos Rodrigues (2006) **O Tabu da Morte**, a palavra morte é camuflada, vista como tabu-objeto de interdição, sendo percebida como algo ruim, de que em alguma coisa aquele sujeito fracassou ou mereceu aquele fim, ou pelo simples fato de ser uma morte injusta, de que aquele sujeito não merecia aquele fim e sim algo melhor, da mesma forma como existe culturas, crenças diferentes e que irão interpretar a morte de um jeito diferente.

Para Araújo e Vieira (2004) as pessoas temem a morte ou evitam falar sobre pois junto vem um sentimento de dor e, por evitarem o assunto, acaba sendo um tema pouco abordado, tornando-se um tabu, cercado por mistérios, crenças e o medo de morrer. Nesse contexto, adultos tendem a ocultar a verdade, evitam comentar sobre a morte com as crianças com o intuito de, na maioria das vezes, evitar o sofrimento de ambas as partes e também por ter dificuldades em lidar e expressar sobre esse assunto. Porém, segundo Gauderer (1987 *apud* Anton, Favero; 2010) o adulto ao omitir a verdade para a criança, pode acabar causando consequências como por exemplo, abalar a capacidade de estabelecer laços de confiança com a criança. Ainda segundo este autor, é importante sempre informar a criança, independentemente da idade, sobre o ocorrido, usando uma linguagem adequada para a idade.

A morte, apesar de estar presente no nosso cotidiano de várias formas, é um assunto difícil de entender, até para os adultos, o que torna mais difícil ainda a comunicação com as crianças sobre a morte e a perda, neste contexto, Papalia e Martorell (2022) no livro **Desenvolvimento Humano** discutem sobre a morte e o luto infantil, onde mencionam que as crianças podem ter um entendimento maior sobre a morte se desde pequenas forem apresentadas ao assunto e incentivadas a falar sobre, pois se elas têm idade para amar, elas têm também idade para se enlutar. Além disso, Yamaura e Veronez (2016) em suas pesquisas sobre a comunicação da morte com crianças, descrevem que quanto antes a palavra morte fizer parte do desenvolvimento infantil da criança, mais cedo ela aprenderá a lidar com seu sofrimento ao perder um ente querido ou com questões de luto que possam surgir ao longo de sua vida. Logo, é comum que as crianças, por serem curiosas e imaginativas, façam perguntas sobre a morte e o que acontece depois, afinal, ela está presente no nosso cotidiano e acontece sem aviso prévio. Para Kovács (2008) isso é o que considera-se como "morte escancarada", um assunto para ser abordado em casa e nas escolas com jovens e crianças, uma vez que vivem grande parte de suas vidas nesse espaço.

Ademais, Prizskulnik (1992, p.496) seguindo essa linha de raciocínio sobre a morte e como ela pode ser abordada com as crianças, alega que: "A criança está disposta a saber a verdade sobre a morte, tanto que indaga sobre ela de várias maneiras. Muitas vezes, é o adulto que teme falar sobre o assunto". Quando diante dessa situação, o adulto tende a ocultar a verdade da criança, alguns usam a espiritualidade numa tentativa de mascarar a verdade, que "papai do céu levou" ou "virou uma estrelinha, foi morar no céu", outros usam a espiritualidade para se sentirem mais perto e conectados com aquele ente querido que se foi, seja por meio de orações ou mostrando para a criança através de uma metáfora que, apesar daquele ente querido estar morando com papai do céu, a comunicação sempre é por meio de orações, porém da mesma forma que o adulto passa pelo processo de luto, a criança também passa e sente falta.

O processo de luto infantil tem uma duração subjetiva mais extensa, uma vez que sua noção de tempo está se organizando (Prizskulnik, 1992). Nesse sentido, argumentar com as crianças sobre a morte pode acabar ajudando elas a lidarem melhor com a dor, pois mesmo sem conhecer direito o processo da morte, elas

acabam sentindo a perda, a falta e o vazio daquela pessoa que era presente, por isso que, Sengik e Ramos (2013) ressaltam o quanto a comunicação é indispensável nesses momentos, para que a criança possa compreender melhor a sua dor e consiga estabelecer novamente outras relações.

Quando crianças enfrentam situações de perda, evidentemente experimentam medo, ansiedade e muitas outras reações de pesar, dor e desgosto. Crianças que sofreram perdas importantes sentem medo de serem devoradas pela intensidade de seus sentimentos. Os pais e outros adultos significativos desempenham papel importante nesse momento da vida da criança, e a forma como eles a acolhem em seu sofrimento influencia diretamente o modo como a criança enfrenta a experiência de perda (PAIVA, 2011, p.47).

Dito isso, percebe-se a importância do diálogo sobre a morte ser estabelecida de forma adequada para as crianças, Thomaz (2020) ao citar Lima e Kovacs (2011) argumenta sobre a importância da comunicação respeitando o nível de desenvolvimento e linguagem de cada criança e com a ajuda de livros infantis por exemplo e outros elementos direcionados ao público infantil, facilita a comunicação de adultos com crianças sobre o que é a morte.

3 LUTO INFANTIL

Assim como cada um de nós possui sua própria subjetividade, o processo do luto também se torna algo único e individual. Cada pessoa irá sentir e interpretar de um jeito e cada um viverá esse luto de uma forma. Para Freud (1915) o luto se caracteriza em uma trajetória de aspecto lento e doloroso, marcada por uma tristeza pujante, gerando assim um afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor.

Bowlby (1985 *apud Silveira et al.*, 2020, p.178) em seu livro **Apego, perda e separação** discursa que, "O que se define como luto saudável é a aceitação da mudança que ocorrerá com a perda irreversível do outro, tanto no emocional como na rotina vivida". Para ele, o luto patológico se instaura quando o processo do luto normal é vivenciado de forma exacerbada em sua duração e características. Ademais, em sua "teoria do apego", Bowlby discursa sobre o apego, pois é através dele que criamos vínculos, um mecanismo natural do ser humano, por isso que a perda de um ente

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 12, p.817-832, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483.

querido pode ser difícil de ser aceita pela pessoa que está passando por esse processo de luto. Assim, da mesma forma que a criança passa por etapas para seu desenvolvimento saudável, as etapas do luto também precisam ser vivenciadas.

Evidentemente, a maioria das pessoas temem a morte, porém a morte faz parte do cotidiano de todos, inclusive das crianças e esse termo é dado como um assunto delicado, assim como o luto, que muitos não compreendem ou não aceitam passar por esse processo, tratando como um tabu diante de toda a sociedade e devido ao fato de muitos não comentarem sobre, acabam excluindo as crianças desse processo, titularizando como “pesado” demais para elas, sendo que uma hora elas vão se deparar com esse assunto, pois a morte está presente em várias coisas do nosso dia a dia e da mesma forma que o adulto passa pelo luto, a criança também passa, porém de uma forma diferente. Dito isso, Franco e Mazorra (2007) possuem trabalhos importantes a respeito do luto infantil e segundo elas, para a criança, a morte dos pais é uma das experiências mais impressionantes na vida dela. Ou seja (Franco e Mazorra, 2007, p. 504),

[...] com os pais, morre também a ilusão narcísica da onipotência infantil em um momento em que ela é necessária como fonte de segurança”. Entretanto, as autoras ainda abordam que “[...] com a morte de um genitor, a criança perde o mundo que conhecia. Aquele em que o genitor podia afastar-se e ao qual retornava. Agora seu mundo está enlutado: torna-se difícil lidar com toda a gama de sentimentos que parecem invadi-la com o desmoronamento da família.

Neste caso, a criança passa por uma experiência assustadora e desorganizadora, onde perde a sua figura de apego e a comunicação nessas horas se torna um fator importante, pois é através da comunicação que o adulto pode ajudá-la a passar por esse processo de perda, quando o assunto não é um tabu e é conversado ao longo do desenvolvimento da criança, fica mais claro para ela passar pelo processo do luto e cabe ao adulto responsável auxiliá-la ao invés de evitar falar o nome do ente querido com medo de magoar ou piorar a situação. Quando muito pequenas, podem responder a esse processo da morte do pai ou da mãe com choro, desespero e, por fim, desapego patológico. Elas não entendem a morte, mas entendem a perda (Black, 1998 *apud* Papalia e Martorell, 2022, p.564).

O luto é um processo que possui cinco fases e é necessário para o crescimento do sujeito. Viver o luto é reviver feridas do passado que ainda estão em processo de

cicatrização, é se permitir sentir e passar pelas fases. Dentre as fases do luto, Elisabeth Kubler-Ross (2017) em seu livro **Sobre A Morte e o Morrer**, descreve sobre os estágios do luto, onde o primeiro estágio é a negação e o isolamento, que agem como um mecanismo de defesa temporário, para aliviar o impacto daquela notícia ruim. O segundo estágio é o sentimento de raiva, onde as pessoas se revoltam e em alguns casos, tornam-se até agressivas, neste caso, sentem raiva, não entendem o porquê de estar acontecendo e procuram até um culpado para a situação, com o intuito de aliviar o imenso sofrimento e revolta pela perda. A barganha é o terceiro estágio, é uma tentativa de negociar ou adiar os temores diante da situação; as pessoas buscam firmar acordos com figuras que segundo suas crenças teriam poder de intervenção sobre a situação de perda, ou seja, esses acordos e promessas são direcionados a Deus. O quarto estágio pode ser considerado o mais grave, é a depressão, considerada uma doença clínica que, muita das vezes, pode ser fatal.

Por fim, o último estágio é o de aceitação, onde as pessoas encontram-se mais tranquilas frente ao fato de morrer ou da morte de algum outro ser amado. Essa última fase do luto é importante, é o momento em que conseguem expressar de forma mais clara seus sentimentos, emoções, frustrações e dificuldades que as circundam. "Quanto mais se debatem para driblar a morte inevitável, quanto mais tentam negá-la, mais difícil será alcançar o estágio final de aceitação com paz e dignidade" (Kubler-Ross, 2017, p 119).

Bowlby (1990 *apud* Basso, Wainer; 2011) observou quatro fases do luto, sendo a primeira fase o entorpecimento, parecido com a fase que Kubler-Ross (2017) cita em seu livro que é a negação e o isolamento, essa fase que Bowlby (1990 *apud* Basso, Wainer; 2011) diz se destaca pelo choque da notícia e a negação da realidade, tendo duração de horas a uma semana. A segunda fase é o anseio, onde o sujeito deseja recuperar o ente querido, trazê-lo de volta e com isso a pessoa enlutada passa a ter sonhos com o ente querido, resultado de noites mal dormidas gerando até insônia e algumas consequências como ansiedade e sentimento de culpa. A desorganização e o desespero é a terceira fase e se liga com a segunda fase em relação a ansiedade e o sentimento de culpa, onde a pessoa nessa fase se sente abandonada pela pessoa que partiu, se sente incapacitada de fazer algo. A última fase para Bowlby (1990) é o estágio de reorganização, onde o enlutado ao se adaptar aos poucos às modificações

causadas pela perda, poderá retomar suas atividades, completando assim, essa última fase do luto.

Torres (1999), ao citar Bowlby, afirma que a criança é capaz de enlutar-se tanto quanto o adulto, como resultado, identificou três etapas principais no processo natural do luto infantil, sendo a primeira etapa o protesto, onde a criança não acredita que a pessoa esteja morta e nessa etapa, a criança luta para recuperar a pessoa perdida e chora. A segunda etapa é o desespero e desorganização da personalidade, a criança começa a aceitar os fatos daquela perda, terceira e última etapa é a esperança. Nessa última fase, a criança busca novas relações, busca organizar seu espaço sem a presença da pessoa morta, ademais, para a criança, a morte não é apenas um desafio cognitivo para seu pensamento, mas também um desafio afetivo. Ademais, Torres ainda ressalta que uma das coisas que pode ajudar a criança nesse momento é dar apoio e espaço e ser compreensíveis com possíveis sentimentos que a criança pode sentir naquele momento de confusão e vazio, como raiva, medo, saudade e principalmente culpa. Nesses momentos, é importante explicar para a criança também que não foi culpa dela, que ela não causou a morte por causa de um mau comportamento ou por alguma fala.

No entanto, percebe-se que as crianças são curiosas, uma hora ou outra vão perguntar aos responsáveis sobre a morte ou vão querer saber mais sobre o que aconteceu com aquele ente querido que se foi, é importante os adultos estarem preparados e prontos para saberem ter essa conversa com as crianças, o que na maioria das vezes acontece de não estarem preparados, Paiva (2011) sinaliza a importância de deixar que a criança tire suas dúvidas e coloque para fora seus sentimentos e pensamentos, deixando elas a vontade para que manifestem também seu sofrimento através de brincadeiras, jogos e desenhos. Em síntese, nota-se que o brincar muita das vezes é a maneira de como a criança se comunica, é uma das maneiras até que ela encontra de se relacionar com o mundo adulto, logo Paiva (apud Velasquez-Cordero, 1996) indica algumas maneiras que podem ajudar as crianças nessa elaboração do luto, como:

1. Encorajar a criança a expressar seus sentimentos;
2. Responder as perguntas com sinceridade e expressar suas emoções honestamente;
3. Discutir a morte de forma que a criança possa entender;
4. Falar com a criança de acordo com seu nível de desenvolvimento;
5. Ser paciente. Permitir que a criança repita a mesma pergunta, expondo sua confusão e seu medo;
6. Não criar expectativas;
7. Sugerir caminhos para que a criança possa lembrar-se da pessoa (desenho,

cartas...); 8. Aceitar os sentimentos, percepções e reações da criança, bem como diferenças de opiniões, dúvidas e questões; 9. Indicar serviços especializados, se for necessário; 10. Preparar a criança para continuar sua vida. Reforçar que ela se sentirá melhor depois de um tempo.

Em suma, ao sugerir caminhos para a criança se lembrar da pessoa, muitas famílias usam não só desenhos e cartas, mas também a espiritualidade como meio de conforto e recomeço, as pessoas costumam se apegar em algo como o sagrado, por exemplo, para amenizar a dor e explicar o inevitável. Assim, de acordo com Dalgalarrondo (2008), a religião é um dos espaços que mais acolhe, um espaço onde as respostas são mais satisfatórias e carregadas de sentidos e significados.

4 A ESPIRITUALIDADE E A CRIANÇA

No panorama atual, o Brasil é considerado um dos países mais religiosos segundo a pesquisa Global Religion (2023), produzida pelo instituto Ipsos, a pesquisa destaca que quase nove em cada dez brasileiros dizem acreditar em Deus. Para cada pessoa a religião possui um significado e por trás de um significado existe sempre uma história, pois ao se apegar em algo, como a fé, o indivíduo "se fortalece" para enfrentar questões que o confrontam e lhe causam sofrimento.

Fowler (1995 *apud* Culliford, 2015, p.118) com muita propriedade descreve a fé como “uma característica universal da vida humana” e ainda diz que “é a categoria mais fundamental na busca humana por uma relação com a transcendência. Fé, nesta situação, iguala-se ao termo espiritualidade” O termo espiritualidade diz respeito a um conjunto de crenças e à inteireza, simboliza o estado de algo que é inteiro, que não sofreu mudanças, expressando honestidade. Logo, liga o pessoal ao universal, assim, a psicologia da espiritualidade, na sua essência mais pura, envolve a recuperação de uma apreciação da inteireza, da indivisibilidade, e diz respeito à reconciliação disso com as evidentes disjunções da realidade material, do tempo e do espaço (Culliford, 2015a). Nesse ínterim, Culliford (2015b) ainda ressalta que o processo de desenvolvimento espiritual começa na infância e na educação, que significa semear, comunicar informação, valores e códigos de conduta. Envolvendo também o contexto de fé da família e da cultura a que pertencem, sendo costumes repassados por gerações, ou seja, dependendo do ambiente familiar, a religião começa a ser

introduzida na vida da criança desde cedo, alguns costumes e ensinamentos são repassados por gerações e assim, a criança participa da religião da família.

Além disso, no livro **Psicologia do Desenvolvimento Religioso - A Religiosidade Nas Fases da Vida**, Mauro AmatuZZi descreve sobre a religião do bebê, o autor discorre que a religião do bebê é a religião dos pais ou cuidadores responsáveis, ou seja, é através desses costumes da família que a criança passa a ser parte de algo, que ela inicia seu crescimento e a formação de sua consciência. Segundo David Hay (2006 *apud* Culliford; 2015, p.241) a educação espiritual "é fundamental para o bem-estar pessoal e a política da comunidade." Em síntese, a espiritualidade se vincula também com o termo luto, onde pessoas tendem a buscar uma religião quando estão passando por algum sofrimento, luto ou momento difícil em suas vidas e se apegam a isso.

Para Figueira (2007), a fé depositada no sagrado dá ao homem paz e calma mesmo em contextos turbulentos. Entretanto, diante das fases do luto, algumas pessoas buscam a espiritualidade para achar uma resposta e se conformar, da mesma forma que usam a espiritualidade para mencionar uma notícia às crianças sobre a perda de algum ente querido. Ademais, a espiritualidade também ajuda as pessoas enlutadas muita das vezes a se redescobrir, a encontrar um novo significado e a estar de certa forma, conectado com aquela pessoa que se foi, seja através de uma oração, costume ou objeto e isso é repassado também para as crianças. AmatuZZi (2015) menciona sobre isso em seu livro, para ele, a partir de dois anos a criança já começa a ter uma apropriação mais pessoal de significados, assim, a criança vai aprendendo a nomear o mundo e a interagir com ele, a criança começa a formar imagens sintéticas referentes aos significados mais abrangentes, assim, a criança pode encontrar significado na religião, nas lembranças, em algum objeto como por exemplo, uma medalha ou imagem que aquela pessoa que se foi deixou pois objetos, lembranças e tradições evocam sentimentos. Logo, toda religião oferece meios de lidar com a tragédia, sofrimento e os mais significativos processos da vida (Paiva, 2007).

Em suma, apesar da palavra morte ser percebida como algo ruim, ela está presente também nos desenhos animados, nos video-game, dentro de um personagem imortal ou em desenhos como, por exemplo, Tom e Jerry, Rei Leão, Viva - A vida é uma festa e dentre outros dos quais as crianças tanto gostam e se identificam. A criança por meio dessa cultura e costumes diante de desenhos

animados e video-game passa a ter uma percepção da morte e do mundo um pouco diferente, um exemplo seria o desenho do homem aranha onde muitas crianças ao se fantasiarem e serem o homem aranha, criam coragem para enfrentar certos desafios e “salvar” quem precisa ser salvo, outro exemplo é a animação da Disney Branca de Neve onde a personagem principal que é uma princesa, ao comer uma maçã envenenada “morre” e é salva ao ser beijada por um príncipe e muitas crianças levam em consideração que, um beijo pode curar ou trazer a pessoa de volta à vida.

Ou seja, desenhos, livros e até mesmo a espiritualidade/religião, ajudam a criança a enfrentar os desafios do dia a dia, Fowler (1992 *apud* Bruscajin *et al.* 2008) sustenta essa ideia de que os cuidadores compartilham com as crianças histórias, imagens e símbolos religiosos de uma forma que ajude no desenvolvimento delas, sustentando o amor, a fé e a coragem. Somando a isso, a espiritualidade por ser mais abrangente, é vista como uma compreensão das questões existenciais humanas e serve como uma fonte de acolhimento e proteção para as crianças, especialmente quando por meio de orações à “papai do céu” elas tendem a pedir por proteção ou por aquela pessoa de apego, assim, elas encontram conforto que, proporciona uma sensação de bem-estar diante do que se passa em sua vida naquele momento. Em síntese, Hyde (2008) citado por Larry Culliford também descreve sobre a espiritualidade fundamental o comportamento ético e altruísta das crianças, da mesma forma que são uma base para encontrar significado, propósito e conexão ao longo de toda a vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, é notório que o tema sobre a morte e espiritualidade ainda é pouco discutido e abordado em pesquisas e artigos dentro da psicologia e também pouco falado socialmente, principalmente com crianças. Ao longo do trabalho, foram destacados no início que, apesar da morte fazer parte do ciclo da vida e estar presente no cotidiano de todos, ela continua sendo um tabu, um assunto que gera desconforto e dor, especialmente quando envolve uma figura de apego. Nesta perspectiva, assim como os adultos, as crianças vivenciam o luto de uma perda significativa e possuem sua própria maneira de expressar a dor e nessas horas a comunicação e a presença de um adulto para acolher e ouvir o que aquela criança

tem a dizer ou perguntar se torna muito importante. Porém, os adultos tendem a ter dificuldades em abordar esse assunto com as crianças, muitos não sabem como se expressar diante dessas situações e acabam não contando e, é necessário que os adultos estejam preparados para lidar com esse assunto, pois ignorar ou ocultar o tema pode causar prejuízos no desenvolvimento emocional da criança, afetando em sua capacidade de confiar, de criar novos vínculos e elaborar sua perda.

Entretanto, discutir o luto e formular uma comunicação aberta, respeitosa e adequada ao nível de entendimento daquela criança é essencial para ajudá-la a lidar com a morte e o luto. Dessa forma, além do diálogo, a espiritualidade e a religiosidade também se tornam importantes e podem auxiliar tanto na compreensão da morte quanto no processo de enfrentamento do luto, servem de apoio emocional para as crianças e sua família, pois oferecem conforto e ressignificação, além disso o uso de livros infantis e desenhos são recursos que podem facilitar a compreensão da criança em relação a esse assunto. Ademais, as crianças por meio da espiritualidade conseguem encontrar diversas formas de expressar seu sofrimento, seja por meio de orações, tradições religiosas repassadas pela família ou objetos simbólicos deixados pela pessoa que se foi, como por exemplo, um pingente ou uma medalha. Isso permite com que elas criem uma conexão emocional com a pessoa perdida, principalmente quando se tem um objeto simbólico que era de apego daquela pessoa e facilita o processo do luto infantil.

No entanto, incluir a comunicação sobre a morte como parte das conversas familiares de forma honesta, leve e respeitosa, ajuda a criança a criar uma maior resiliência emocional, um entendimento melhor sobre a morte para que dessa forma ela possa vivenciar o luto de uma maneira mais saudável. Para isto, é essencial que além do assunto ser abordado em casa, seja abordado também em escolas e no dia a dia, é importante que pais, educadores infantis e até mesmo psicólogos estejam sempre focados a essa perspectiva, desenvolvendo um ambiente em que a criança se sinta segura e acolhida para falar e fazer perguntas relacionadas a morte e processar suas emoções.

Em suma, o diálogo aberto sobre a morte, o luto e a espiritualidade são importantes para o desenvolvimento da criança e ajudam ela a passar pelo processo do luto e do vazio deixado por aquele ente querido que se foi, além de prepará-las para enfrentarem certas situações. Logo, ajudam elas a crescerem com uma visão

mais equilibrada e resiliente, pois quando se é falado sobre a morte e espiritualidade com as crianças desde cedo, contribui para uma maior resiliência emocional, permitindo que elas expressam seus sentimentos e encontram um novo significado, vínculo ou caminho para seguir em frente e lidar com as adversidades da vida. Por fim, espera-se que este artigo contribua para um maior entendimento sobre o olhar da espiritualidade e seu papel no enfrentamento do luto infantil, ou seja, como a espiritualidade ajuda nesse momento tão doloroso da perda e também na comunicação com as crianças. Apesar de ter sido feita uma extensa pesquisa em literatura acadêmica sobre espiritualidade e o luto infantil, a junção desses dois temas ainda é pouco explorada, havendo a necessidade de mais investigações e discussões sobre esse tema. É fundamental também incentivar e dar apoio a pesquisas futuras que explorem essa área da espiritualidade e o luto em crianças, pois são estudos que assim como este artigo, abrangem um entendimento mais profundo e podem beneficiar profissionais e proporcionar um suporte para famílias enlutadas.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. **A psicologia do desenvolvimento religioso** - A religiosidade nas fases da vida. Editora ideias e letras;1 ed. 2015.

ANTON, M. C.; FAVERO, E. **Morte repentina de genitores e luto infantil**: uma revisão da literatura em periódicos científicos. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/16992> Acesso em: 3 jul. 2024.

ARIÈS, P. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990

BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.35-43, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007. Acesso em: 4 jul. 2024.

BRUSCAGIN, C.; SAVIO, A.; FONTES, F.; GOMES, D.M. **Religiosidade e psicoterapia**. Rocca, 1 ed. 2008.

CULLIFORD, L. **A psicologia da espiritualidade**. São Paulo: Fundamento, 2015.

DALGALARRONDO, P. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FIGUEIRA, E. A. P. Experiência religiosa e experiência humana no século XXI: construção de chaves de leitura para estudo do fato religioso. **Revista Nures**, n. 7, 2007. Disponível em: https://www.pucsp.br/revistanures/revista7/nures7_eulalio.pdf. Acesso em: 4 jul. 2024.

FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. **Crianças e luto**: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. Estudos de psicologia. Campinas. 2007, v.24, pp. 503-511. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yhbQfWtKqLhF7g5m8pyjP4G/#>. Acesso em: 4 jul. 2024.

FREUD, S. (1917 [1915]) [1916]). **Luto e melancolia**. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago.

HOSHINO, K. A perspectiva biológica do luto. In: Hélio José Guilhardi; Noreen Campbell de Aguirre. (Org.) **Sobre Comportamento e Cognição**: 17, 313-326. 2008. Disponível em: [https://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemfase/article/download/84/47#:~:text=Segundo%20Hoshino%20\(2006\)%2C%20o,ambientes%20que%20criamos%20v%C3%ADnculos%20afetivos.&text=tinha%20isso%20\(leucemia\)%20e%20iria,tive%20nenhum%20tipo%20de%20emo%C3%A7%C3%A3o](https://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemfase/article/download/84/47#:~:text=Segundo%20Hoshino%20(2006)%2C%20o,ambientes%20que%20criamos%20v%C3%ADnculos%20afetivos.&text=tinha%20isso%20(leucemia)%20e%20iria,tive%20nenhum%20tipo%20de%20emo%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 4 jul. 2024

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: Desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 2006.

PAIVA, G. J. DE. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, n. 1, p. 99–104. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/W4gqMhKYcTG4MGcnj7kCfRr/#> Acesso em: 10 agosto. 2024.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças**. Aparecida: Idéias e Letras, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/31568293/A_arte_de_falar_da_morte_para_c_Lucelia_Elizabeth_Paiva. Acesso em: 11 agosto. 2024.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. 14a Ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2022.

Parkes, C. M. (1998). **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta** (3a ed., M. H. Franco, Trad.). São Paulo: Summus Editorial.

PRISZKULNIK, L. **A criança diante da morte**. São Paulo: Pediatria Moderna, 1992.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, P. V. A; VIEIRA, M. J. (2004). A questão da morte e do morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 3, p. 361-363, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/6bzpjGXkBdsTsD89dGkKSVp/>. Acesso em: 11 set. 2024

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. *Psicologia e Sociedade*, v.25, n.2, p. 379-389, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dpNgmLwyLTmYqHG4T3zByj/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 11 set 2024.

SILVEIRA, J.; *et al.* O luto nas diferentes etapas do desenvolvimento humano. **Revista Psicologia em Foco: Temas Contemporâneos**, São Paulo, 1. ed. p.178, 2020. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/books/978-65-87196-30-5.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.

The Global Religion. Global Advisor - **Religious beliefs across the world**. Disponível em: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2023-05/Ipsos%20Global%20Advisor%20-%20Religion%202023%20Report%20-%2026%20countries.pdf> Acesso em: 11 set. 2024.

THOMAZ, T. G. C. **As crianças e a temática da morte: diálogos possíveis**. Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Educação. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/210232>. Acesso em: 15 set. 2024.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

YAMAURA, L. P. M.; VERONEZ, F. S. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicologia Hospitalar**. (São Paulo). 2016, vol. 14, n.1, pp.78-93. ISSN 2175-3547. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092016000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 15 set. 2024.